

A escala 6×1 sob a ótica da economia solidária



Por **BRUNO FARIAS***

A luta pela abolição da escala 6×1 transcende uma simples reivindicação trabalhista, representando um questionamento profundo a um modelo de desenvolvimento que sustenta sua competitividade na superexploração do tempo e da vida

1.

O debate sobre a escala 6×1 não pode ser compreendido apenas como uma disputa em torno de condições imediatas de trabalho. Ele é expressão concreta de como o Brasil se insere no mercado internacional e de como essa inserção periférica molda o mundo do trabalho de maneira a perpetuar a precarização.

A exigência de seis dias de trabalho para apenas um de descanso é a materialização daquilo que Ruy Mauro Marini denominou “superexploração da força de trabalho”, característica estrutural das economias dependentes, que mantêm sua competitividade não por meio da soberania tecnológica, mas pela intensificação da exploração laboral.

Essa lógica se manifesta porque a economia brasileira, ao importar tecnologias, não as internaliza de modo autônomo; ao contrário, essas tecnologias chegam subordinadas à lógica das grandes corporações internacionais, impondo ganhos de produtividade que não se traduzem em melhores condições de vida, mas em novas formas de pressão sobre os trabalhadores, seja pela intensificação da jornada, seja pelo desemprego estrutural.

Sob essa ótica, a escala 6×1 não é apenas um dispositivo jurídico ou uma herança trabalhista ultrapassada: ela é parte que constitui um modelo de desenvolvimento dependente, que se reproduz a partir da precarização e da desvalorização da força de trabalho.

O Brasil, ao se manter como elo subordinado nas cadeias globais de valor, precisa sustentar custos baixos para oferecer produtos competitivos, minando a capacidade de criação de empregos de maior qualidade, e isso se traduz no prolongamento das jornadas, na informalidade e na fragilidade sindical. Nesse sentido, o fim da escala 6×1 deve ser compreendido não como uma pauta isolada, mas como parte de uma discussão maior sobre como romper com esse padrão de desenvolvimento.

2.

É justamente aqui que a Economia solidária oferece uma chave crítica e propositiva. Ao invés de aceitar a competitividade internacional como medida única de desenvolvimento, a Economia solidária redefine a própria noção de economia, colocando no centro a vida, a cooperação e a soberania social.

Paul Singer insistia que a economia solidária não busca competir segundo a lógica do capital, mas criar alternativas de inclusão e democratização. Nesse sentido, discutir o fim da escala 6×1 significa questionar não apenas o tempo de

a terra é redonda

trabalho, mas o sentido do trabalho na sociedade. O que está em jogo é se o tempo social deve ser apropriado para a reprodução do capital ou para a realização da vida comunitária e fortalecimento da democracia.

Autores como Coraggio lembram que a dependência tecnológica não é um destino inevitável, mas uma escolha política de desenvolvimento. A economia solidária, ao propor a apropriação social das tecnologias, rompe com a lógica da importação subordinada: não se trata de adotar máquinas e sistemas que aumentem apenas a taxa de exploração, mas de desenvolver inovações que reduzam a penosidade do trabalho e que possam ser apropriadas coletivamente.

Experiências de cooperativas solidárias demonstram que a tecnologia pode ser usada para diminuir a carga de trabalho e ampliar o tempo livre, desde que sua lógica de gestão não esteja voltada ao lucro privado, mas ao bem comum.

É nesse ponto que as reflexões de Renato Dagnino se tornam fundamentais. Renato Dagnino denuncia que a tecnociência capitalista é concebida e organizada sob a lógica da acumulação de capital, de modo que suas prioridades não emergem das necessidades sociais, mas das demandas de um mercado mundial hierarquizado. Isso significa que, quando o Brasil importa tecnologia, não traz consigo apenas máquinas e processos, mas também a lógica que os concebeu: uma lógica de intensificação da exploração e de reprodução das desigualdades.

O resultado é que os avanços tecnológicos, longe de libertarem os trabalhadores da escala 6×1, reforçam sua subordinação, pois o aumento da produtividade raramente é revertido em redução da jornada ou em melhoria das condições de vida; ao contrário, é apropriado pelas empresas na forma de lucros crescentes.

Para Renato Dagnino, a alternativa está na tecnociência solidária: um modo de produzir ciência e tecnologia orientado pelas demandas reais da sociedade, especialmente dos trabalhadores e das organizações populares. Nessa perspectiva, a tecnologia não é neutra nem universal, mas resultado de escolhas políticas e sociais. Portanto, desenvolver uma tecnociência solidária significa decidir coletivamente que tipo de inovação se quer, com quais objetivos e para benefício de quem.

Ao articular essa visão com a Economia Solidária, torna-se evidente que o fim da escala 6×1 só pode ser sustentável se estiver ancorado em um modelo tecnológico distinto, em que a produção do conhecimento esteja vinculada à emancipação e não à reprodução da dependência.

Essa crítica de Renato Dagnino à tecnociência capitalista aprofunda o sentido da luta contra a supereexploração: ela revela que não basta lutar por leis trabalhistas mais protetoras se a base produtiva continua estruturada em torno de tecnologias desenhadas para maximizar o lucro privado.

Enquanto a ciência e a técnica forem instrumentos da acumulação, o tempo de trabalho continuará subordinado às exigências do mercado mundial. A tecnociência solidária, ao contrário, abre espaço para que a organização do trabalho seja repensada em termos de redução da jornada, valorização da vida comunitária e fortalecimento da democracia.

3.

Ao trazer esse olhar, a economia solidária transforma a pauta do fim da escala 6×1 em uma crítica radical ao modelo de desenvolvimento dependente. Não basta lutar por mais um dia de descanso; é preciso lutar por uma reorganização do tempo de trabalho que permita às pessoas exercerem a cidadania, participarem da vida comunitária, produzirem cultura e conhecimento. O tempo livre não pode ser apenas um respiro para recuperar forças e voltar à exploração; ele precisa ser espaço de criação de novas formas de vida coletiva.

A Economia solidária mostra que isso é possível quando a gestão da produção é feita democraticamente, quando as necessidades são definidas pelos próprios trabalhadores e quando o desenvolvimento é medido não pelo PIB ou pelas exportações, mas pela qualidade da vida social.

a terra é redonda

Assim, o fim da escala 6×1 se conecta diretamente à necessidade de um novo modelo de desenvolvimento, que rompa com a dependência e que construa soberania produtiva a partir da cooperação e solidariedade. Em vez de manter o país preso à lógica de ser exportador barato de trabalho intensivo, a economia solidária propõe redes produtivas autogestionárias, capazes de criar mercados internos fortes e de valorizar o tempo humano.

Isso implica repensar as próprias bases do crescimento: não se trata de crescer para atender à demanda externa, mas de produzir para atender às necessidades da sociedade, reduzindo a jornada e ampliando a vida comunitária.

O debate sobre a escala 6×1, portanto, é o ponto de partida para questionar o modo como o Brasil se desenvolve e para afirmar que outro desenvolvimento é possível. Um desenvolvimento no qual a tecnologia não precariza, mas liberta; no qual o trabalho não é um sacrifício interminável, mas uma atividade compartilhada e digna; no qual o tempo livre é condição de cidadania e não sobra ocasional de uma semana extenuante.

A economia solidária nos mostra que a luta pelo fim da escala 6×1 é, na verdade, a luta pela libertação do tempo social, e por um projeto de desenvolvimento que faça da solidariedade a base de uma nova economia. A crítica de Renato Dagnino reforça essa visão ao demonstrar que a própria ciência e a própria tecnologia precisam ser transformadas: se quisermos superar a lógica da superexploração, precisamos construir uma tecnociência solidária que esteja a serviço da vida e da democracia, e não da acumulação e da dependência.

***Bruno Farias** é graduado em economia e graduando em matemática.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)